

## **A CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO EM *VIDA OCIOSA*, DE GODOFREDO RANGEL**

Danyelle Marques Freire da SILVA<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente trabalho propõe-se a análise do espaço literário no romance *Vida Ociosa* (1920), de Godofredo Rangel, autor pouco estudado e que costuma ficar à sombra de Monteiro Lobato. Avaliar como se constitui o espaço narrativo, verificando se esse elemento, juntamente com a linguagem, a caracterização física das pessoas e os costumes, permitem que identifiquemos *Vida Ociosa* como uma obra regionalista mineira. Também é proposta desta pesquisa refletir sobre a temática das viagens na obra de Godofredo Rangel e sobre a importância deste autor para as letras brasileiras. Além disso, vale pontuar que se trata de um estudo que vai além dos próprios textos rangelinos, já que contempla o estudo do regionalismo mineiro, destacando a importância dessa temática para a pesquisa local, regional, mineira.

### **Godofredo Rangel e *Vida Ociosa***

A vida de Rangel esteve dividida entre o magistério, as funções jurídicas e a atuação nas letras. Com a morte de seu pai, foi estudar Direito em São Paulo, onde conheceu um grupo de amigos com pretensões literárias, chamado “Cenáculo”. Os integrantes desse grupo participavam ativamente com textos em revistas e jornais e ainda produziam periódicos de pequena tiragem com temas de interesse geral. Um desses periódicos é o chamado *O Minarete*, no qual se encontram muitos contos e crônicas de Rangel. Segundo Athanázio (1977, p. 46), no ano de 1939, Godofredo Rangel foi eleito para a Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira número treze, que tem como patrono Xavier da Veiga, e como fundador, Carmo Gama.

Também foi contador em uma usina elétrica em Sapucaí, além de traduzir muitos textos e livros do francês, do inglês e do italiano. Aires da Mata Machado Filho (1984, p. 4) diz que “a escolha da ocupação de traduzir reflete bondade, o traço fundamental em Godofredo Rangel” e afirma que Rangel confidenciou-lhe: “[...] Faço traduções para ganhar a vida; é o que os editores pagam melhor”. (FILHO, 1984, p. 4).

---

<sup>1</sup> UNINCOR – Universidade Vale do Rio Verde. Endereço: Travessa Pedro Honório Freire – nº 80 – Centro. Cana Verde, M.G. Cep:37267-000. Telefone: (035) 3865-1482. Email: danyellemarques@hotmail.com

Em um levantamento feito por seu biógrafo, Enéas Athanázio, são mais de cinquenta obras, dentre elas: *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol; *Zola e seu tempo*, de Mathiew Josephson; *Vida de Santo Agostinho*, de GiovanniPapini, *Os filhos*, de Pouchet, *História dos Estados Unidos*, de André Maurois, *A cura pelo pensamento*, de Sachet; *A tragédia de minha vida*, Oscar Wilde, dentre outros. (ATHANÁZIO, 2009, p. 1).

Depois de muita insistência dos amigos, publicou, em 1920<sup>2</sup>, *Vida ociosa: romance da vida mineira*. Logo após, publicou o volume de contos *Andorinhas* (192-). Em 1929, a narrativa romântica, *A filha*, os contos infantis *Um passeio à casa de papai Noel e Histórias do tempo do onça*<sup>3</sup>, e, em 1944, o livro de contos *Os humildes*.

José Maria de Toledo Malta<sup>4</sup> explica que o *Minarete* era um chalé no Bairro do Belenzinho, em São Paulo. Esse chalé ficou na história por ter sido residência de Rangel, Monteiro Lobato, José Antônio Nogueira, Cândido Negreiros, Ricardo Gonçalves e outros eminentes cultores das letras daquele tempo. Ainda de acordo com Malta, a obra de Rangel “apresenta descrições e linguagem com tanta ordem, clareza e honestidade de expressão que se faz presente e se revela até no íntimo, ainda quando descreve lugares e paisagens que o impressionam”. (MALTA, 2000, p. 21).

Sobre essa perspectiva, o regionalismo nos textos rangelinos merece um estudo mais aprofundado, pois trazem em si uma ampla diversidade de apontamentos para a questão do regionalismo mineiro, uma vez que o autor pontua sempre as peculiaridades do sertão mineiro, fazendo relatos da fauna, da flora, da linguagem e dos costumes locais. Nossa proposta de pesquisa é a realização de um estudo de *Vida Ociosa*, romance publicado pela primeira vez em folhetim na *Revista do Brasil*, entre maio de 1917 e janeiro de 1918.

Enquanto vivo, Godofredo Rangel pôde acompanhar duas edições do livro, em 1920 e em 1934. Em 2000, a editora Casa da Palavra lançou a edição mais recente. Alphonsus de Guimarães Filho considera *Vida Ociosa* como “obra-prima, não apenas de Godofredo Rangel, mas da nossa ficção” (FILHO, 1984, p. 8). Ainda de acordo com Guimarães Filho, as histórias narradas no livro que descrevem a arte da caça dos homens do campo, desenvolvem-se em uma atmosfera do sertão mineiro e são, muitas delas, verídicas. Rodrigo M. F. de Andrade

---

<sup>2</sup> A edição utilizada em nossa dissertação é a publicada pela Casa da Palavra/Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

<sup>3</sup> Até o presente momento, estas obras ainda não foram encontradas; notícias de sua publicação constam nas reportagens sobre o autor.

<sup>4</sup> Em prefácio à publicação de *Vida Ociosa* (RANGEL, 2000, p. 9)

acredita que essa obra de Rangel é um precioso monumento da nossa literatura regional. (ANDRADE, 1984, p. 8).

Na mesma ótica, Menegale (1984, p. 8) diz que o livro de Rangel traz sempre, para o paladar dos que sabem discernir, o sumo da psicologia mineira, apresentando ao leitor um “mineiro do interior, desambicioso e patriarcal. Uma obra documental da civilização mineira, que sustenta o fio da tradição do romance mineiro.” (MENEGALE, 1984, p. 8).

*Vida Ociosa* foi escrita em vinte e dois capítulos e chegou a ser publicada na *Revista do Brasil* na íntegra, mas, na versão impressa, por sugestão de Monteiro Lobato, foi retirado o último capítulo, que “é na verdade uma excrescência. [...] Deve aproveitá-lo para um conto, porque o livro acaba maravilhosamente no penúltimo capítulo.” (LOBATO, 1968, p.45). Lobato também sugere que não sejam enumerados os capítulos com algarismos romanos e sim pela denominação: “coisa anticomercial. [...] Acho horrivelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil que em cada capítulo tenha um títulozinho tentador.” (LOBATO, 1968, p. 45).

Pretendemos, neste estudo, analisar como se constitui o espaço narrativo, verificando se esse elemento, juntamente com a linguagem, a caracterização física das pessoas e os costumes, permitem que identifiquemos *Vida Ociosa* como uma obra regionalista mineira. Também é proposta desta pesquisa refletir sobre a temática das viagens na obra de Godofredo Rangel e sobre a importância deste autor para as letras brasileiras, seja pelas publicações ou pela admirável correspondência que manteve com Monteiro Lobato.

Percebe-se que os espaços em cada capítulo são, visível e explicitamente, os sertões de Minas Gerais. Isso pode ser comprovado quando Dr. Félix, a caminho da fazenda Córrego Fundo, encontra uma tropa na estrada e o som lhe remete à infância: “[...] Embala-me assim a alma com as suaves toadas de minha infância, canta-me essa velha cantiga serrana, simples e sem letra, ó doce aparição das estradas mineiras, poética fantasia de tropeiros roídos de saudades.” (RANGEL, 2000, p. 2).

Um momento da narrativa que comprova que o espaço de *Vida Ociosa* se desenrola no sul de Minas Gerais é a chegada de duas negrinhas à fazenda. Ao serem interpeladas pelos conhecidos, a novidade narrada por elas era a volta de Lourenço, que esteve por trinta anos preso por causa de Frederica. “Não sabiam que viera cheirar ali. Estivera na casa de Frederica uma hora, e depois seguira pras terras dele que, parecia, eram além de Uberaba – coisa de léguas e léguas.” (RANGEL, 2000, p. 66). Percebe-se, assim, que o espaço narrativo de *Vida*

*Ociosa* é uma região longínqua do Triângulo Mineiro, próxima aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

### **Teoria do espaço narrativo**

Tendo o espaço literário como pano de fundo para um estudo aprofundado de um trabalho científico, recorreremos primeiramente às palavras de Massaud Moisés, que, no prefácio de seu livro *A Análise Literária* (1984), faz um alerta para a dificuldade de adentrar no campo da análise literária. Segundo o autor, a análise literária é um procedimento de conhecimento da realidade, não especificamente da ciência, filosofia, religião ou qualquer outra arte.

Analisar é o ato de desmontar o texto literário com o propósito de conhecê-lo nos elementos que o compõem, de tentar se aproximar ao máximo da realidade do escritor, de entender os personagens, os espaços e as muitas outras características que envolvem uma narrativa. Para tanto, é relevante mencionar a definição que Massaud Moisés (1984, p.14) tem de *Literatura*: como demonstração pela palavra grafada, pelos conteúdos da ficção, ou como imaginação, “só se consideram literários os textos que apresentem exclusivos fins literários, vale dizer, o conto, a novela, o romance, a poesia e o teatro (este, apenas enquanto texto, não enquanto representação)”. (MOISÉS, 1984, p.14).

O estudioso deixa claro que não há um molde a ser seguido. Cada pesquisador deve desenvolver suas próprias inclinações a partir de um exemplo de desempenho diante do texto, não de uma análise já desenvolvida, não devendo se afastar da ideia de que a própria obra é quem estabelece a metodologia a ser seguida. Assim como ele, Abdala Junior (1995, p.9) acredita que quando se trata de análise literária, não existe um único caminho a ser seguido, e nesse momento a argumentação do crítico literário é de extrema importância para objetivar um ponto de vista particular, tendo sempre em mente que a coerência de seus argumentos é de total importância para o sucesso da análise.

O espaço estabelece um elemento a que o analista de ficção deve estar atento. Pode-se, por exemplo, construir uma narrativa em que os fatos acontecem na cidade ou no campo. Cabe ao analista conhecer a interação e o motivo de se ter optado por este ou aquele cenário. Moisés explica:

Se se trata de história urbana, o cenário será predominantemente o construído pelo homem, ou seja, o interior de uma casa (sala de visitas, sala

de jantar, quarto de dormir, sótão, mansarda, cozinha etc), ou as ruas; se regional ou sertanejo, o cenário será a própria Natureza, concebida como soma de objetos que a mão do homem não transformou. A relevância do lugar na ficção citadina variará de acordo com a forma literária (o conto, a novela ou o romance) e a tendência estética ou ficcional (a ficção romântica, realista etc. (MOISÉS, 1984, p. 107, 108).

Em *Vida Ociosa* o narrador personagem vive na cidade, isso se percebe quando os amigos da fazenda Córrego Fundo vão visitá-lo e ele diz:

[...] – Oh! Que boa surpresa! – retuquei correndo ao encontro dos meus amigos do Córrego Fundo. Era a primeira vez que os via na cidade. Viviam tão consigo e ilhados na sua pobreza, amavam tanto seus hábitos tranquilos, que a novidade quase me alarmou. (RANGEL, 2000, p. 103).

Enquanto siá Marciana, Próspero e Américo vivem na roça:

[...] atravesso um longo trecho do povoado, que ainda dorme na penumbra. A orla do horizonte empalidece. Cantos roucos de galos erguem-se de todos os quintais. Arvoredos sonolentos debruçam-se sobre velhas cercas, sombrios e relentados, com um fulgor de diamante negro em cada folha. A aragem corta e ligeira névoa adensa-se nas extremidades da rua. Sorvendo até o imo dos pulmões o ar úmido e frio, sinto meu sangue reagir alvoroçadamente, dando-me uma doce impressão de bem-estar. (RANGEL, 2000, p. 1).

Abdala Junior (1995, p. 48) distingue espaço e ambiente. Ele acredita que o *espaço* é um lugar físico por onde as personagens desenvolvem suas ações. No terceiro capítulo, “Acolhimento cordial”, temos uma descrição espacial: “[...] conversando chegáramos à varanda. O descalabro das paredes era o mesmo. Sobre os panos de cal empardecida escapos à ação roaz do tempo, viam-se novos desenhos de peixes enormes, alguns ainda de anzol espetado no beijo.” (RANGEL, 2000, p. 13). Já o *ambiente* é a “atmosfera psicológica” vivida pela personagem: “[...] E, assim vazia, penetrava-a com suavidade o ambiente daquela quadra, o odor dos manjeriões que viçavam à janela, sob as fúcsias que a emolduravam. Entrava-me uma sensação de paz, de lar e bucolismo.” (RANGEL, 2000, p. 48).

Cada gênero deve ser analisado com suas especificidades; o analista deve conhecer as características de cada gênero, espécie e formas, mas não misturar os respectivos planos de ação e não tentar encontrar em um a característica de outro. Tendo a plena consciência do gênero escolhido, há de analisá-lo respeitando suas características. Tratando-se de um conto, não é correto atribuir-lhe ou tentar encontrar nele características de uma poesia ou teatro.

No *Dicionário de termos literários*, Massaud Moisés define a palavra *romance* como “composição em prosa”. Segundo o autor, esse gênero é diferente de todos os outros por englobar todas as metamorfoses do real, todas as formas de conhecimento:

[...] assim transformado numa espécie de síntese ou superfície refletora da totalidade do mundo. Dessa conjuntura provém a sua função gnoseológica: mais conhecimento que entretenimento, o romance permite ao escritor construir um projeto ambiciosamente globalizante das multiformes experiências humanas, e ao leitor, desfrutá-lo de modo privilegiado, sem risco para sua própria existência; o prosador conhece o mundo por meio do romance, e convida o leitor a fazer o mesmo percurso; não existe nos quadrantes da criação literária, instrumento mais completo para se chegar a uma imagem totalizante do Universo. (MOISÉS, 2004, p. 400)

No que se refere ao gênero “romance”, Massaud Moisés (2004, p.402) diz que, estruturalmente, o romance se caracteriza pela pluralidade da ação, da coexistência de várias células dramáticas, conflitos ou dramas, e que a quantidade de personagens é relativa de romance para romance sendo no mínimo duas. De acordo com Moisés, mesmo quando a personagem encontra-se sozinha, o conflito existe como resultado de seu interlocutor se converter em pensamentos ou lembranças.

Monteiro Lobato, em carta de 4 de agosto de 1915, classifica Rangel como grande romancista:

[...] está consagrado no nosso grupo como o grande romancista que o país esperava – e a nossa roda sabe o que diz, e o que diz ela é a opinião de amanhã. Queres negociar comigo a publicação da *Vida Ociosa*? O Monteiro Lobato editor do Godofredo Rangel – que maravilha! (LOBATO, 1961, p. 46).

Quando *Vida Ociosa* foi publicado pela primeira vez na *Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato & Cia, tinha como título: *Vida Ociosa – romance da vida mineira* (RANGEL, 1920).

Enéas Athanázio diz que “[...] o subtítulo, ‘romance da vida mineira’, teve efeito negativo na obra do escritor. Sentindo-o, o autor retirou-o, na segunda edição, da Cia. Editora Nacional” (ATHANÁZIO, 1977, p. 43). Na narrativa, podemos perceber que, além dos personagens principais, Dr. Félix, Américo, siá Marciana e Próspero, outras personagens surgem em diferentes células dramáticas, desenvolvidas no decorrer da narrativa.

No décimo primeiro capítulo, por exemplo, chegam à fazenda Córrego Fundo duas mulatas pedindo abrigo para se esconderem da chuva. Elas contam para siá Marciana os acontecimentos dos lugares onde moram. A grande novidade é Lourenço da Frederica, que, depois de trinta anos, tinha alcançado absolvição do crime de matar um homem que “deitara vistas cúpulas à mulata” (RANGEL, 2000, p. 66). Nessa passagem, as mulatas contam a novidade e o narrador-personagem – Dr. Félix – completa: “[...] Interessei-me pelo caso e fiz perguntas. Nada sabiam... A Frederica era quem poderia contar”. (RANGEL, 2000, p.66). Quatro capítulos depois, em uma segunda viagem do narrador-personagem, o escritor desenvolve a história de Lourenço, dedicando um capítulo, “O Sentenciado Lourenço”, para narrar toda a trama do personagem, que até então era desconhecida. Essa personagem teve tanto destaque que, em 1921, Benjamín de Garay<sup>5</sup> traduziu o capítulo para o jornal argentino, *La Nación* (ATHANÁZIO, 1977, p.43).

Esse exemplo ilustra a definição de romance, já citada e formulada por Moisés: “[...] estruturalmente, o romance caracteriza-se pela pluralidade da ação, pela coexistência de várias células dramáticas, conflitos ou dramas”. (2004, p. 400). Notamos que a partir desse capítulo, siá Marciana, Próspero e Américo dão lugar a outras personagens que, como eles, narram suas vidas e expõe suas virtudes e desejos.

Massaud Moisés diz que a descrição acompanha de algum modo a narração e a consolidação do romance, “[...] a descrição da natureza e das personagens depende da sua funcionalidade”. (MOISÉS, 2004, p. 404). Assim, a descrição de Américo, por exemplo, torna-se necessária para que o leitor entenda sua função na trama. Função esta, como dito antes, de aproximar a cidade da roça e vice-versa:

[...] usava a barba intonsa e arpelada ao deus-dará, e, ao alto da testa, acidentada de várias bossas correspondentes aos seus vários talentos, rareava-lhe o cabelo em profundas entradas, apresentando um capucho revoltado, na linha de simetria. As bossas da frente e os olhos encovados davam-lhe uma expressão aquilina que parecia ter a virtude de resolver escaninhos d'almas. (RANGEL, 2000, p.15)

*Vida Ociosa* apresenta muitas descrições da natureza, de personagem ou ainda de objetos, como podemos confirmar na descrição, no primeiro capítulo, de uma porteira:

---

<sup>5</sup>Autor e tradutor argentino. Também tradutor do livro *Urupês*, de Monteiro Lobato para castelhano.

[...] como toda a porteira de antigas estradas, esta é um monumento em que colaboram a mão do homem e a da natureza. Característica e pitoresca. Para cima e para baixo, valos divisórios colmados de um “betume” de raizadas, gramíneas, trapoerabas de florinhas azuis. A restinga de mata que orla em geral toda a beira de valo, ali arqueia as ramagens em túnel sobre a estrada. Unhas-de-vaca de folhas fendidas, angicos rendilhados, bicos-de pato de bastas e miúdas folhas crescem ao lado dos moirões, entremisturando ao alto as verdes galhadas oblíquas, em concerto para resguardar naquele trecho uma pouca de sombra fresca e preciosíssima. (RANGEL, 2000, p. 3).

Massaud Moisés pontua que, para o romancista, a dificuldade maior não está no princípio da narração, e sim no seu final. “[...] O problema reside, efetivamente, no desfecho, que deve justificar todo o desenvolvimento da trama, inclusive as possíveis incongruências”. (MOISÉS, 2004, p. 403). Isso talvez explique a dificuldade que Rangel teve ao terminar *Vida Ociosa*. Em carta de agosto de 1915, Lobato aconselha-o a retirar o último capítulo, alegando ser “[...] na verdade uma excrescência. [...] Deve aproveitá-lo para um conto, porque o livro acaba maravilhosamente no penúltimo capítulo.” (LOBATO, 1968, p.45).

De acordo com as classificações que Edwin Muir (*apud* MOISÉS, 2004, p. 405) faz em relação ao gênero “romance”, qualificamos *Vida Ociosa* como um *romance de personagem*, que se classifica pela predominância das ações dos personagens, primordiais para o desenvolvimento da narração.

### **As viagens em *Vida Ociosa***

Sérgio Cardoso, em seu estudo intitulado *O olhar do estrangeiro* (2002, p. 358), diz que “as viagens são empreitadas no tempo”. Ele procura mostrar que, quando o viajante se afasta do seu cotidiano, torna-se diferente. Isso porque, quando o seu olhar vai de encontro com um novo espaço ou uma nova situação, torna-se necessário associá-lo a alguma coisa já vista. Só assim, será possível entendê-lo e dar sentido para sua viagem.

Sendo assim, na concepção de Cardoso, as viagens têm ligação estreita com a ação do olhar, pois o ato do deslocamento simplesmente, sem procurar significação e sentido, é uma ação vaga, não encontra nisso forma de envolvimento, de descoberta e crescimento. A viagem, de acordo com o teórico, deve causar no viajante um incômodo com o trajeto, com o percurso e com tudo o que se pode olhar – no seu intuito de investigar e compreender, no seu desejo de “olhar bem” para assim sair da superfície e adentrar nas particularidades do novo. (CARDOSO, 2002, p.358).



As viagens, enquanto circunstâncias inseridas no tempo, expandem o ato do olhar que se faz costumeiramente, pois, a partir delas, é possível exceder fronteiras e limites que a visão, por vezes, não permite. O olhar do viajante, curioso e atento a descobertas e inovações, busca descobrir e transpor os obstáculos e as fronteiras do horizonte.

Se, por um lado, percebemos que o diferente só pode ser notado e aceito a partir das considerações e informações que o viajante traz, como por exemplo, sua bagagem cultural; por outro lado, percebe-se que não há como agir nesse novo espaço sem que haja a inclusão, ainda que parcial, com o meio no qual o estrangeiro passa a fazer parte e com os indivíduos que o integra. Somente assim haverá uma troca de saberes, de vivência e de culturas que podem ser confrontados e expandidos. O viajante, para se sentir transformado ou apenas próximo do que vê e olha, deve estar envolvido de alguma forma com a circunstância que presencia.

Com base em tais reflexões, é possível perceber que o narrador-personagem de *Vida Ociosa*, no primeiro capítulo, firma-se como um viajante, dividindo as horas da viagem com recordações e despertares de visões:

[...] as vezes acabrunha-me, intumesce-me o coração com velhas recordações imprecisas; há em minha alma o renascer de sensações antigas, e que de longínquas jaziam em letargo, como mortas. Para despertá-las basta um quase nada: um reflexo alvacentos num alagadiço, um vôo ondulante de pássaro, o sussurro da viração nas folhagens...” (RANGEL, 2000, p. 1).

Nota-se também, no capítulo inicial, outro viajante que obtém destaque no desenvolvimento do romance, aparecendo antes da apresentação do narrador-personagem. Trata-se de um médico português, Dr. Filipe, um homem engraçado que, assim como muitos descendentes portugueses depois da “Época do Ouro”, não obtendo riqueza, ficou a correr terras. Isso mostra como os portugueses influenciaram na formação do povo mineiro. Dr. Filipe [...] “sem clínica, vivia a correr terras, de sapatões ferrados e roupa no fio... Nem recursos tinha para viajar a cavalo; ia de lugar em lugar com a malinha às costas e bastão na mão, e por isso na cidade puseram-lhe a alcunha de Dr. De-a-pé. (RANGEL, 2000, p.9).

Dr. Filipe procura envolver-se com o meio no qual se insere, longe da terra natal, buscando, como dito nas palavras de Cardoso, “adentrar nas particularidades do novo” (1988,

p. 358.), procura aprender a caçar, atividade comum<sup>6</sup> no interior de Minas Gerais. Quando consegue apanhar uma capivara, fica surpreso com o desafio proposto por Próspero:

[...] Dr., o senhor, que é médico, entende muito de organismos vivos; por isso, diga-me se esta capivara é macha ou fêmea. ‘Oh! nada mais simples!’ exclamou o Dr., ofendido pela insignificância da consulta. E olha o bicho despreocupado, depois examina-o atento, e concentra-se na análise e submete-o a uma inspeção conscienciosa e científica... Por fim desiste, no auge da perplexidade. Então Próspero solta uma casquinada: ‘É macha, Dr.! Olha o focinho... Capivara macha tem o calo no nariz’. E os velhos riam-se, à evocação da descocha do Dr. De-a-pe, por levar o formidável quinau. (RANGEL, 2000, p.10)

Percebe-se que a bagagem cultural das pessoas do campo não é a mesma das pessoas dos grandes centros. As do campo conseguiam diferenciar aspectos considerados fundamentais à vida, nos dizeres de Milton Santos (1996, p.187) “valorizando, diferenciando, segurando os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo”. Na descrição da personagem do velho Próspero, podemos identificar que a cultura interiorana firmava-se no fato das pessoas se habituarem a viver do que a natureza a sua volta lhes proporciona, enquanto as pessoas da cidade necessitavam de outras formas de sobrevivência, sendo o componente material formado do “natural” e do “artificial”.

Ainda de acordo com Milton Santos (1996, p.187), [...] “As áreas, os espaços, as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos.” Sendo assim, as formas de vida dos cidadãos já não necessitam de saberes tão simples como uma simples diferenciação sexual e uma espécie animal, pois fazem parte de um tempo novo no trabalho, no intercambio, no lar.

A primeira viagem do narrador personagem em *Vida Ociosa* é a ida da cidade para a fazenda Córrego Fundo, descrita no primeiro capítulo “A estrada”. Depois de alguns dias na companhia dos velhos amigos, passam-se dezesseis capítulos que narramos acontecimentos dessa visita que durou um dia e uma noite. Em um determinado momento, Próspero convida o juiz para conhecer uma cachoeira ao longe, pontuando que esse passeio deveria ocorrer em uma quinta-feira.

---

<sup>6</sup> Hoje a caça não é mais uma atividade comum. A narrativa de Rangel nos leva a pensar que a caça foi uma atividade comum no interior de Minas Gerais no início do século XX.

Somente no capítulo dezessete, “A Cavalos”, Dr. Félix volta ao Córrego Fundo com o intuito de conhecer a cachoeira:

[...] Serviço até o pescoço. É uma enchente de autos. Esta atmosfera de petições e arrazoados produz-me, como a pasma habitual, efeito desalentador. As impertinências dos advogados, longe de me espicaçar o brio, tiram-me até a coragem de levantar a pena empoeirada da mesinha de trabalho. E já entreouço à volta um zumzum de descontentamento que me turba o farniente. Preciso fugir, cobrar um pouco de vitalidade para enfrentar com valentia os desgostosos. Na minha cabeça soa como refrão incansável uma frase do velho Próspero: “Quinta-feira, sem falta! Quinta-feira...” E como é hoje uma quinta, alicio resolução para zarpar para o Córrego Fundo. (RANGEL, 2000, p.78).

Notamos que, diferentemente da primeira ida à fazenda, as descrições são mais resumidas, o vocabulário é mais claro e não se dedica um capítulo para o traslado. Vejamos:

Sucedem-se os conhecidos marcos de minha rota: a sempre-lustrosa, opada de roxo, alcatifando o chão de pétalas caídas; a porteira, frígida, sob a arquitetura das ramarias encontradas; a curva do rio, o campo entressemado de cupins... Enfim, a fazenda. Tosando a relva da eira, um animal, já de arreios postos, espera alguém. (RANGEL, 2000, p. 79)

Começou-se assim a segunda viagem de *Vida Ociosa*. De início, para em um rancho à beira da estrada para beber água. É a casa de Frederica, logo se lembrou da história de Lourenço, o sentenciado, que ficou preso trinta anos e voltou para uma visita, como narrou às negrinhas na fazenda Córrego Fundo em um dia chuvoso.

A vastidão dos campos sem veios d’água dera-me sede. Avistei um rancho à beira da estrada. [...] No mesmo instante vi agitar-se no cômodo da entrada, que também servia de cozinha, uma mulata obesa e velhuda.

- Um pouco d’água, faça o favor?

Trouxe-ma numa cuia, pedindo desculpas: casa de pobre...

Regale-me com a frescura nevada da bebida.

Nesse momento uma voz de homem chamou da horta:

- Frederica!

Frederica! Este nome lembrou-me o sentenciado Lourenço, que matara um homem por ciúmes. [...] E, com o vivo interesse que me causara a narrativa das duas roceiras no dia do temporal, borbulham-me à boca muitas perguntas sobre o encontro com o Lourenço após trinta anos de cárcere; recalquei-as, porém. Decerto fora banal e desinteressante. Duas respostas que me desse, e lá se desentorava a mente do romance que eu tecera sobre a volta do sentenciado. Era melhor não saber. Entreguei a cuia, agradecendo; e prossegui. (RANGEL, 2000, p.82)

Adiante, o narrador começa a descrever como seria a chegada de Lourenço naquela residência, e o encontro com a mulher que foi a causa da sua prisão. Esse capítulo é o mais longo de *Vida Ociosa*, e foi traduzido para espanhol e publicado, como dito antes, por Benjamim de Garay no jornal *La Nación*, de Buenos Aires. (ATHANÁZIO, 1977, p. 43).

O capítulo, “A cachoeira”, narra a conversa que travou com um curandeiro que havia se dirigido à fazenda devido a uma piora de sô Quim Capitão. Este personagem era como um médico na região:

[...] – Sou peneirado e lavro madeira, mas não tenho mais tempo pra dar o ofício; são muitos os doentes e vivo da casa deste pra daquele. [...] Ainda agora venho de trás da serra, onde fui ver um compadre com um berne arruinado; e dei volta pelo Engenho, por causa duma esporada de mandi na mão do Zé Vicente. Aí, estão duas doencinhas que parecem de nada e ameaçam levar os doentes. (RANGEL, 2000, p. 97)

Depois de ouvir com atenção o curandeiro, ordenou que arreassem o cavalo e partissem rumo à cachoeira. Descreve-a minuciosamente com detalhes e pontua:

[...] por toda a parte é a obsessão do peixe. O ambiente tresanda a peixe podre. Ao andar, patinham os pés numa lama mucilaginosa de peixes esmagados. Nas mãos, nas vasilhas, aos montes na margem, há o contorcionar epilético de formas prateadas. Só se vê peixes e só se pensa em peixe. É a luta sem tréguas declarada aos pobres viajeiros. Onde os esquece o homem, caçam-nos siriemas, socós, marrecas, espécimens sem conto de parasitas do rio. (RANGEL, 2000, p. 99)

O viajante não demora muito. Depois de avistar a cachoeira e descrevê-la, conclui: “[...] Está visto. Agora rumo da cidade” (RANGEL, 2000, p. 98). Assim, pega o caminho de volta, passando pela fazenda de sô Quim Capitão depois uma rápida despedida aos velhos amigos da Fazenda Córrego Fundo.

*Vida Ociosa* termina maravilhosamente bem com a chegada dos velhos e do filho Américo à cidade. Essa é a terceira e última *viagem* narrada no livro. Foram entregar ao Dr. um anel que trazia as insígnias da justiça com um lindo rubi, comprado com o dinheiro que Félix deixava aos cuidados de Américo toda vez que ia à fazenda. Foram juntando as moedas deixadas pelo doutor até um dia chegar à cidade com o embrulho:

[...] de cada vez que que nos visita deixa um pacotinho de pratas, como se lhe cobrássemos nosso feijão. Nunca nos recusamos a recebe-las, para pô-lo mais à vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto há meses, há anos, esperando que não a levasse a mal. [...] Se tivéssemos

recursos, nossa vingança seria fazer-lhe um belo presente; não sendo isso possível, eu notando que em seus dedos faltava alguma coisa, disse a prima: “Vamos juntando as pratas da *hospedagem* (senti nas faces o grifo da palavra) e lhas devolvemos sob forma de um anel. Se não aceitar como devolução, receberá como brinde de amigos. E aqui está, senhor doutor Félix, a vingança dos seus piraquaras...” (RANGEL, 2000, p. 104)

Quando chegam ao escritório de Dr. Félix na cidade, Américo e os velhos são surpreendidos com um documento que dava a Américo o título de professor. Todos ficaram tomados de felicidade enquanto Félix, em pensamentos, conclui:

[...] essa coisa tão importante para Américo, para mim pouco significava, pois, criar uma escola rural no Córrego Fundo e nomeá-lo professor, não fora êxito em que dependesse grande esforço, graças a certas facilidades de ocasião e ao influxo de prestantes intermediários. (RANGEL, 2000, p.105)

Nas obras de Godofredo Rangel, há muitos termos que se referem à viagem. Os personagens estão sempre viajando ou esperando alguém que venha de viagem. Parte da análise literária de *Vida Ociosa* deve averiguar, portanto, o que está por trás dessas *viagens* tão comuns em suas narrativas. Dr. Félix, o personagem principal de *Vida Ociosa*, faz muitas viagens.

No célebre ensaio de Benjamin sobre a figura do narrador (1987, p. 185), são distinguidos dois conjuntos arcaicos de narradores: “o camponês sedentário e o marinheiro comerciante”, que podem ser compreendidos como o viajante e o homem do lugar.

Desde o primeiro capítulo de *Vida Ociosa*, identificamos a personagem principal, Dr. Felix, como pertencente ao segundo grupo. Em nenhum momento o livro informa o porquê dele dirigir-se a uma fazenda no interior de Minas Gerais. A família que ele visita parece ser velha conhecida do viajante, como confirmamos no último capítulo: “[...] –Senhor doutor, nós temos contas velhas que ajustar. Faz alguns anos que o senhor nos dá o prazer de frequentar o nosso rancho”. (RANGEL, 2000, p. 104)

A narrativa se desenvolve, até certo ponto, com a descrição de acontecimentos passados na vida dos proprietários. Em um segundo momento, Dr. Félix se aventura em outra viagem até a cachoeira da Usina.

De acordo com Aline Maria Magalhães de Oliveira, em seu estudo *Viagens e viajantes na literatura: a travessia de Guimarães Rosa* (2010, p.2): “[...] o ato de viajar pode abranger muitos significados: além de espaço percorrido. Afinal, viajar não é apenas transpor barreiras físicas, pois existem muitas outras formas de viajar”. As viagens se determinam como formas

de acesso a outros mundos. Até o momento da segunda viagem de Dr. Félix, além de ter efetuado o deslocamento espacial, da cidade para o campo, fez também outras formas de viagens, como nas lembranças de Sr. Próspero enquanto narrava acontecimentos de sua vida nos tempos de seu pai vivo:

[...] havia tantos escravos na fazenda, que davam de comer à molecada num coche. [...] Despejavam ali dentro tachadas de canjiquinhas e com uma buzina convocavam a miuçalha esparsa. De todas as senzalas, da casa, da horta, do pasto, negrinhos acudiam correndo, como uma horda de capetinhas nus. E as mãos avançavam sofregamente para a comida. ‘Ficava estivado de negrinhos, tudo pelado’, explicou Próspero em sua linguagem pitoresca. (RANGEL, 2000, p. 8)

Quanto a Américo, podemos identificar suas *viagens* nas suas habilidades filosóficas, artísticas e científicas:

[...] Américo possuía assombrosas disposições para fazer a canivete, com pontas de bambu, pedaços de carretel e palhetas de mica, umas canetas de formas caprichosas, pintadas a urucu e pó de sapateiro, de um amarelo terroso listrado de preto. [...] Os pedaços de carretel serviam para tirar sortes: a gente rodava-os, e, ao parar, um certo pique apontava no eixo uma letra ou uma frase que respondia à pergunta formulada a esse oráculo de nova espécie. Nos intervalos dessa fabricação, mergulhava-se em suas leituras prediletas, entre elas um tratado de mesmerismo numa assaz manuseado, outro de Física, e qualquer coisa de Allan Kardec, o que tudo, agindo separada e conjuntamente, era para estremecer-lhe a fraca razão. Gostava das conversações científicas, não admitindo que se perdesse tempo em prosas de nonada. (RANGEL, 2000, p. 16)

Próspero, siá Marciana e Américo não são viajantes espaciais, que se deslocam geograficamente de um ponto para o outro como o primeiro, mas deslocam-se no imaginário de suas próprias experiências, das caçadas, das leituras e das histórias.

Podemos encontrar em *Vida Ociosa* três momentos de *viagens reais*. A narrativa inicia-se com a viagem de Dr. Félix rumo à Fazenda do Córrego Fundo. O narrador-personagem sai da cidade ainda de madrugada, descreve minuciosamente estradas, vegetação e clima. Há dezessete capítulos entre a partida, chegada e estadia na fazenda.

Depois de esclarecida as concepções do espaço literário, categoria narrativa que será aprofundada neste estudo, e apresentada a obra passaremos à compreensão de regionalismo no próximo capítulo, diferenciando cidade, sertão, campo e roça, fazendo um recorte da sua importância literária, tanto em âmbito nacional quanto estadual, pontuando suas

especificidades no estado de Minas Gerais, que é o cenário literário onde o escritor Godofredo Rangel narra grande parte da sua obra.

### **Algumas reflexões a cerca do regionalismo na Literatura Brasileira**

O regionalismo há muito tempo faz parte da literatura brasileira tornando-se uma vertente literária importante a ser estudada para qualquer pesquisador que queira se aprofundar nos estudos da historiografia literária brasileira. De acordo com Lúcia Miguel Pereira, “o regionalismo é definido como a corrente literária em que está inserido qualquer livro que intencionalmente ou não traduza peculiaridades locais” (PEREIRA, 1973, p.131).

Ele foi um fenômeno da estética romântica brasileira, tendo o período de 1890 como destaque, devido à quantidade de livros desenvolvidos e publicados que apresentavam temática relacionada à vida rural. (ZILBERMAN, 1995, p.131).

Lúcia Miguel Pereira publicou em 1950 a obra *História da literatura brasileira*, na qual classifica como regionalista qualquer livro que, propositalmente ou não, demonstre características locais:

[...] obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagens locais, cujo conteúdo perderia sem esses elementos exteriores, e que passem em ambientes onde os hábitos e os estilos de vida se diferenciem dos que imprimem a civilização niveladora. (PEREIRA *apud* LAJOLO, 2010, p.315).

Ao longo do ensaio de Lúcia Miguel Pereira, a menção ao *regionalismo* é acompanhada de outras expressões, como *ruralismo*, *provincianismo*, *pitoresco*, *cor local*. No sentido pejorativo com que comparecem no texto, essas palavras expressam o subdesenvolvimento brasileiro. Pereira (2010) acredita que a ficção regionalista percebe o indivíduo apenas como composição do meio no qual está inserido e na medida em que desintegra da humanidade, procura nas personagens não o que encerram de pessoas relativamente livres, mas o que as conectam ao seu ambiente.

A inclusão de um texto na categoria regionalista não é neutra, “no limite, regionalismo e regionalista são designações que recobrem, desvalorizando, autores e textos que não fazem da cidade moderna matriz de sua inspiração, nem da narrativa urbana padrão de linguagem”. (LAJOLO, 2010, p. 327).

Antônio Cândido (2007), em seu estudo *Formação da literatura brasileira*, classifica três fases diferentes do regionalismo na literatura brasileira. A primeira fase está presente no romantismo, na valorização da cor local e nas exaltações à natureza, em um contexto no qual os românticos tinham o dever de construir a cultura nacional. Nessa fase, também conhecida como “sertanismo”, era como se o verdadeiro Brasil estivesse no interior e o fascínio europeu concentrado no litoral. Destacam-se, nessa fase, os mesmo escritores acima citados por Sylvia Leite.

A segunda fase, que contempla a virada do século XIX para o século XX, é aquela em que Antônio Candido diz prevalecer a valorização do pitoresco, que sobrepõe as qualidades humanas, dando ao homem um lugar secundário dentro da obra artística, como podemos perceber nas obras de Coelho Neto, Afonso Arinos, Simões Lopes Neto, entre outros. Candido acredita que nessa fase a ‘literatura sertaneja’ deu lugar à pior subliteratura de que há notícia em nossa história. (CANDIDO, 2007, p. 528).

A terceira fase corresponde às obras desenvolvidas na década de Trinta e se pode perceber, nesse período, uma divergência nos propósitos que cada fase almejava. Apresenta-se aqui o que Candido chamou de “tomada de consciência do subdesenvolvimento”, marcada pelo reconhecimento das desigualdades e das peculiaridades históricas e sociais do país que se caracterizam por buscar o oposto daquela visão que disfarçava o “subdesenvolvimento, a miséria social, as carências, com a ilusão de que éramos um país rico e promissor.” (2007, p.528). Candido trata de “romance social”, “indigenismo”, “romance do Nordeste” os textos criados nesse contexto e pontua que eles apresentavam uma visão mais madura do universo regional. Os personagens apresentavam peculiaridades que não vinham carregadas do exotismo e do pitoresco, que muito frequentemente marcam as obras regionalistas. Essa transformação de perspectiva associa-se à superação do otimismo patriótico e à adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorreria na ficção naturalista. A ficção produzida nos anos 30 vem contra a ficção naturalista; a primeira tinha como temática denúncia contra as classes dominantes, responsabilizando-as pelas mazelas regionais, enquanto a segunda atribuía à má sorte do sertanejo o resultado do seu destino individual.

A literatura desenvolvida a partir da década de 30 é um avanço na qualidade por mostrar o homem local como uma figura que detém um saber que faz dele sujeito diante do leitor, “que não se defronta mais com tipos e caricaturas, feitos para a diversão do cidadão



entediado, mas com ricas personagens, plenas de vivência, conhecimento e humanidade.” (LEITE, 2006, p.68).

Especificamente na literatura brasileira, o regionalismo pode mostrar e ainda mostra – mesmo com suas transformações no decorrer da história – a formação do povo brasileiro. Chiappini acredita que o regionalismo é histórico e, por esse motivo, não é imóvel, e suas alterações transformam-se ao longo do desenvolvimento histórico nacional, espelhando-se nas mudanças ideológicas do Brasil e no modo como foram encarados o subdesenvolvimento e o dualismo cultural.

### **Campo, cidade, sertão e roça**

Para entendermos a diferença entre campo e cidade no decorrer da história, recorreremos aos estudos do inglês Raymond Williams que, em seu livro intitulado *O campo e a cidade* (1989), nos explica que, no transcorrer do desenvolvimento das comunidades humanas, o campo esteve sempre associado “a uma forma natural de vida rodeado de paz, inocência e virtudes simples enquanto a cidade esteve sempre associada à ideia de centro de realizações, de saber, comunicações, luz” (WILLIAMS, 1989, p.11). O autor ainda nos chama a atenção para as negatividades que sempre foram associadas à cidade e ao campo. A primeira como lugar de barulho, mundanidade e ambição; enquanto o segundo como lugar de atraso, ignorância e limitações. Williams (1989) explica que precisamos, antes de tudo, entender o passado histórico da formação das cidades.

[...] Nos séculos XVI e XVII, a cidade estava associada ao dinheiro e à lei; no século XVIII, à riqueza e ao luxo; que há uma associação persistente, chegando ao auge no final do século XVIII e no XIX, à imagem da turba, das massas; que, nos séculos XIX e XX, a cidade é associada à mobilidade e ao isolamento. (WILLIAMS, 1989, p.473).

Cada uma dessas ideias fez-se presente em um determinado tempo, mas o isolamento, por exemplo, surge a partir da metade do século passado, enquanto a associação entre cidade e dinheiro vem desde a constatação de obras isoladas de corrupção e intriga até a visão de um sistema comercial e político. Encontramos também diferenças radicais nas ideias relacionadas ao campo: “a ideia de estabilidade, por exemplo, em oposição ao conceito de refúgio rural, que implica mobilidade.” (WILLIAMS, 1989, p.473).

Nos contos de Rangel, podemos perceber que quando se tratava do deslocamento de uma cidade para a outra, esse era feito por meio dos trens, principal meio de locomoção da época, e quando se tratava de viagens ao interior, cavalgava-se ou caminhava-se. Podemos ver um exemplo no conto *O legado*, quando Cesário, pai de Nenzinha, tendo enterrado sua esposa, leva a pequena para ser criada por seu padrinho, coronel Joaquim Leme.

Veio trazer a menina?

- Sim senhor...

Cesário apeou, tirando a pequenita da cabeçada dos arreios. Em seguida beijou respeitosamente a mão do coronel Joaquim Leme. (RANGEL, 1944, p. 15).

Também no conto “Uma de cá”... *outra de lá*, depois de conhecer Candinha, filha de um comerciante no interior de Minas à procura de um pretendente, Sr. Chaves, fazendeiro e viúvo, mostrando interesse pela formação da menina – professora – “deixou o endereço, prometeu dar notícias, e enfim, feitas as despedidas, montou a cavalo e seguiu”. (RANGEL, 1944, p.65).

No conto “O destacamento”, notamos que até mesmo as apreensões eram feitas sem a utilização de automóvel. Depois de agredir a esposa, Baiano, personagem principal do conto, recebeu ordem de prisão. Por sua valentia, isso nunca tinha acontecido, porque todos na cidade temiam-no.

Baiano seguia a estrada da fazenda. João e o outro praça em marcha acelerada foram topá-lo já fora do povoado. [...] Restituiu-se ao povo parte de sua confiança, quando o destacamento em peso apontou na extremidade da rua. (RANGEL, 1944, p.117).

Enquanto isso, na cidade, trens e carros dividem espaço nas ruas. No conto “O telegrama”, depois de receber um telegrama, no qual se lia “Vamos hoje. Azeredo”, o personagem principal fica intrigado para saber quem seriam as pessoas que viriam à sua casa e movimenta toda a vizinhança para ajudá-lo a tentar descobrir quem seriam elas. “E ouvindo ao descer do carro, que o trem já apitava perto [...]” (RANGEL, 1984, p.7).

Williams (1989, p.484) acredita que, desde o início do modo capitalista de cultivo agrícola, as opiniões que temos da cidade e do campo estabelecem maneiras de nos colocarmos diante de todo um desenvolvimento social. É por isso que, em última análise, não

podemos nos limitar a contrastar as opiniões. Precisamos também examinar suas inter-relações e, por meio delas, a forma concreta da crise subjacente.

Feito esse apanhado histórico, tanto em âmbito nacional quanto mundial, passemos agora para o entendimento de *sertão*. Grande parte das vezes é assim que Godofredo Rangel classifica o interior, em especial, o interior de Minas Gerais.

Lúcia Lippi Oliveira (1998, p. 2) procura mostrar os diferentes significados da palavra *sertão* no pensamento social brasileiro para entender os diversos caminhos na construção da nação. Segundo a autora, as definições de sertão fazem referência a traços geográficos, demográficos e culturais; região agreste, semi-árida, longe do litoral, distante de povoação ou terras cultivadas, pouco povoada e onde predominam tradições e costumes antigos. Ainda de acordo com Oliveira, no sertão não se tem vida fácil, e é constituído por pessoas trabalhadeiras e fortes, habituadas a interagir com a natureza múltipla.

Oliveira acredita que o sertão e o sertanejo têm sido apresentados na literatura sob categoria de regionalismo e que “em suas origens, o regionalismo do romance de José de Alencar, de Bernardo Guimarães, Franklin Távora e Alfredo d’Escragnolle Taunay era forma de definição da nacionalidade por apresentarem um enredo com cenas típicas do Brasil, com acontecimentos do dia-a-dia nacionais e não copiados da Europa ou de outras culturas.” (OLIVEIRA, 1998, p. 2).

No *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (1986), Antônio Geraldo Cunha qualifica a palavra “sertão” como etimologia obscura e que, possivelmente, foi criada no século XV com o intuito de denominar uma “região agreste, distante das povoações ou das <sup>7</sup>terras cultivadas” (CUNHA, 1986, p.718). Os dicionários contemporâneos dão à palavra “sertão” o sentido de região pouco povoada no interior do país <sup>8</sup>.

Marchezam (2006) faz uma importante observação:

Antes de creditarmos a João Guimarães Rosa, com a publicação de *Grandes sertões: veredas* (1956), o mérito de ter dado, na literatura brasileira, o tratamento mais abrangente de sentido à palavra sertão, fiquemos com Godofredo Rangel (1944), que nos surpreende no conto “No Sertão”, do livro *Os humildes*, (1944), pela maneira coloquial com que prenuncia um modo de estabelecer a especialidade sertaneja somente a ser narrada, então, por Rosa. (MARCHEZAN, 2006, p. 4)

---

<sup>7</sup> Neste estudo utilizamos a edição de 2006 da editora Record.

<sup>8</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

Vejamos o diálogo referido por Marchezam no conto de Rangel:

- Birro! – perguntei. – Onde começa o sertão?
- Ele ficou reflexivo, e depois, sorrindo, disse:
- Homem, patrão, não sei. Gente de Cássia que vai para Uberaba, diz: ‘Vou p’rosertão.’
- Para Uberaba é aqui; p’ra nós, Paracatu e Goiás, e lá para eles ainda é mais longe.
- De sorte que o sertão não existe – repliquei.
- O camarada atrapalhou-se.
- Existir, existe... (RANGEL, 1944, p. 3).

O sertão na literatura brasileira, assim como para os personagens de Rangel, é um espaço desconhecido, novo e misterioso.

Outra palavra que está muito associada ao sertão de Rangel é “roça”. Os dicionários contemporâneos classificam-na como “zona rural, campo” (FERREIRA, 2001, p.649). Podemos encontrá-la no primeiro bilhete deixado no Minarete por Lobato para Ricardo e Rangel em 1903, no qual lemos: “[...] E em meu coração brotam pungentes saudades da minha infância em Taubaté. O’ infância minha na roça, quanta poesia, etc. etc.” (LOBATO, 1961, p. 24).

Em *Vida Ociosa*, a palavra “roça” aparece no capítulo sexto, “O hóspede”, quando é descrito o Grande Hotel e o principal motivo de interesse do Sr. Almeida em comprá-lo: casar uma de suas nove filhas. “[...] Um hotel em tal ponto, é frequentado pelo escol da sociedade carioca e paulista, e ali, pondo à vista dos pensionistas as nove virtudes guerreiras enrijadas na vida da roça, não lhe seria difícil achar bons partidos matrimoniais.” (RANGEL, 2000, p. 27-28). Depois, no capítulo *Bocejos e guloseimas*, há uma referência à “vida rural”: “[...] Ainda desta vez o dia arrasta-se numa lentidão deliciosamente aborrecida. [...] Invento mil modos de encher tempo e ainda há sobra para uma semana de fasniente. Maravilhas da vida rural.” (RANGEL, 2000, p. 39).

*Vida Ociosa* é um romance da vida mineira, no qual encontramos características geográficas e culturais características de Minas Gerais. Dentro desses aspectos e devido à extensão territorial do estado, há ainda outras diferenciações como, por exemplo, a fala dos personagens. Quando chegam à fazenda duas negras que estavam a caminho da cidade, notamos o vocabulário delas, moradoras da roça e sem nenhum grau de instrução, nas proximidades da fazenda Córrego Fundo. Confiando à siá Marciana a alegria pelo fato de Dr. Félix não reparar o tamanho de sua barriga, comenta:

[...] – Gente, a senhora diz tudo! – torceu-se Clemência, engasgada de riso. – A falar verdade, pois deserto! É coisa que implica, porque não foi roubado. Há criaturas que parece que nunca viram pança de mulher! Sabe, o sô Gaspar? Trasantontem teve o desaforo de perguntar-me se comi muita abob'ra. (RANGEL, 2000, p. 66).

Ou quando despede-se: “[...] – Bem, vacês até outro dia.” (RANGEL, 2000, p. 67). Enquanto isso, podemos perceber que o vocabulário de Américo, o “gênio enciclopédico”, e o do Dr. Félix, letrado juiz, são bem mais cultos, como percebemos na chegada à fazenda do Córrego Fundo: “[...] – Então, como vamos de doença? – perguntei-lhes, encetando o assunto obrigatório à chegada, questão preliminar, como dizemos em nossa gíria forense (penso não haver dito ainda que sou bacharel, e juiz em um termo sertanejo)”. (RANGEL, 2000, p. 12).

E as perguntas de Américo: “[...] Acredita na pluralidade dos mundos habitados?” (RANGEL, 2000, p. 32).

Com esses exemplos, podemos perceber e confirmar o que Fernando Sales disse:

Com ambiente da terra montanhosa, focalizando usos e costumes de sua gente, *Vida Ociosa*, outra obra-prima do romance brasileiro de 1920, é uma espécie de diário íntimo de um juiz da roça, em cujas páginas, vasadas em linguagem modelar, se retraçavam e fixavam a emoção. (SALES 1970, p. 39).

Manuel Bandeira (1954, p.116) acredita que as narrativas rangelinas estão entre as “realistas” da ficção regionalista. No entanto, Enéas Athanázio, principal biograforangelino, discorda por acreditar que Bandeira somente considerou *Vida Ociosa* ao elaborar esse pensamento diante das obras de Rangel:

[...] mas o regionalismo dos demais livros é acidental, já que Rangel, mais observador que criador, pintava o meio circundante. E assim o faria se vivesse no pampa ou na selva, onde o enredo se desenrolaria com idêntica verossimilhança. [...] A vila de Três Marias, palco de romances e contos rangelinos, é mero ponto de referência, maneira de fixar em algum lugar a história. [...] Afora algumas comidas regionais e umas poucas expressões locais, as narrativas trêsbarrensenses poderiam situar-se em qualquer viloca, sem prejuízo algum e sem grande esforço de adaptação. (ATHANÁZIO, 1977, p. 56).

Nesse ponto, não concordamos com Athanázio. Consideramos, sim, as escritas de Rangel como regionalistas mineiras. Encontramos, não somente em *Vida Ociosa*, características nos personagens e no espaço que fazem de grande parte da obra de Rangel

como regionalista. O que também embasa nossa desconfiança de que grande parte da obra literária de Rangel seja regionalista, é o fato de ter no livro *O conto regionalista: do romantismo ao pré-modernismo* (2010) dois contos de Rangel. O livro, organizado por Luiz Gonzaga Marchezan, reúne contos regionalistas escritos de 1870 até meados do século XX. “No sertão”<sup>9</sup> e “O destacamento”<sup>10</sup>, contos rangelinos publicados no livro *Os Humildes* (1944), trazem passagem que expõe claramente o cenário como espaço literário mineiro:

Em “O destacamento”, quando o narrador apresenta o personagem principal, Baiano, classifica-o como o “[...] o terror do pacatíssimo arraial mineiro.” (RANGEL, 1944, p. 103). E no conto “No sertão”, o narrador qualifica claramente que a narrativa se passa em um “trecho do oeste mineiro, um chapadão interminável, onde apenas de longe em longe um renque de buritis, prolongando-lhes o curso, indicava os raros veios águas. No chão árido e ressecado medravam escassas touças de capim.” (RANGEL, 1944, p. 241).

Também no livro de contos *Andorinhas* (19--), encontram-se marcas de regionalismo nas narrativas de Rangel: “[...] Geralmente atiro-me para o Rio. São três dias de viagem, maciços, intermináveis, do sertão em que moro. [...] Madruguei na estação. Sou mineiro da gema. É mais fácil o trem perder-me do que eu perder o trem.” (RANGEL, 19--, p. 24-26).

Ou no conto “O telegrama”:

[...] Minas ganhou merecida fama como cultora da hospitalidade, virtude tão estimada de Júpiter. Ora, se é lustroso ter uma fama assim bela e doce ouvir o concerto das vozes agradecidas dos viandantes, é todavia, excessivamente árduo. [...] Tendo para meu uso, mineiro, degenerado que sou, semelhantes ideias, é de supor que me não levassem ao fastígio da ventura as breves palavras deste misterioso telegrama que um dia recebi. (RANGEL, 19--, p. 51-52).

Pode-se, assim, classificar a literatura de Godofredo Rangel como regionalista mineira por se encontrarem em muitas de suas obras passagens e características nos personagens e no espaço literário que comprovam e embasam essa afirmativa, como mostrado no desenvolvimento deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>9</sup> Na antologia de Marchezan esse conto está da página 309 a 318.

<sup>10</sup> Na antologia de Marchezan esse conto está da página 319 a 336.

Como pudemos observar, *Vida Ociosa* apresenta elementos suficientes para ser classificada como regionalista mineira. A obra consegue levar até o leitor um pouco da vida do escritor. Como um espelho, pode-se observar o mundo de Godofredo Rangel, a atenção à escrita, o cuidado na colocação das palavras que Antônio Cândido classificou como caligráfica.

No primeiro capítulo, somos envolvidos pela atmosfera da vida do campo, predispondo o leitor às coisas rústicas que Godofredo descreverá tão bem adiante. Nos seguintes, uma tendência à simplicidade ocasional, escondendo no fundo o próprio autor, encoberto por passagens irônicas.

Antônio Cândido (1984, p. 3) diz que quando fechamos o livro, não nos fica no espírito a lembrança de nenhum episódio ou característica de algum personagem ou cena descrita, e sim uma melancolia induzida pelo autor no ritmo calmo das fazendas, da pesca e da caça.

O *corpus* que embasou a pesquisa forneceu material suficiente que permitiu reconhecer a obra como regionalista mineira, além de reconhecer também a estreita relação entre os personagens e indivíduos reais.

Ao contrário do biógrafo de Rangel, Enéas Athánazio, que pede desculpas aos leitores pela quantidade de menções a Lobato (ATHÁNAZIO, 1977, p. 96), aqui não vemos motivo para desculpas. Lobato foi quem mais confiou e acreditou no amigo mineiro. Incentivou e deixou um legado rico para que hoje, mesmo esquecido como o velho da *Barca de Gleyre*, Rangel, assentado no cais, pode ter seu reconhecimento na pesquisa acadêmica.

Lobato nada mais era que o “Zé Correto” de *Vida Ociosa*, vinha sempre, por meio das cartas, procurar respostas e aprender mais com o Américo – Rangel – homem de vida simples, um gênio enciclopédico: “[...] Quero que me mandes as tuas regras de colocação dos pronomes. Desconfio sempre dos meus pronomes. Colocam-se nas frases meio politicamente” (LOBATO, 1968, p. 117).

A princípio, tem-se a impressão de que a narrativa ficará centrada em um dia do narrador personagem, Dr. Félix, na Fazenda Córrego Fundo, desfrutando da amizade de Próspero, siá Marcia e Américo. Esse último, sufocado na roça com suas dúvidas científicas, é muitas vezes citado como amigo de Félix. *Vida Ociosa* vai além de um dia na fazenda. Desdobra-se na história comovente do sentenciado Lourenço e na conturbada vida das

peças na fazenda da Paulmeira, do sô Quim Capitão, descrita tão bem que dá ao leitor a sensação de estar no meio daquela família tão numerosa e barulhenta. Nos capítulos finais, a descrição da cachoeira, a inesperada ida dos amigos do “campo” à “cidade” e a notícia inesperada da escola, que será construída na fazenda do Córrego Fundo, onde Américo irá lecionar.

Rangel usa muita ironia na descrição dos personagens, um conteúdo lírico na descrição da geografia mineira, e até os personagens que passam de repente, como o Dr. Filipe, médico português, e o curandeiro são mostrados ao leitor com todas suas características.

Monteiro Lobato, quando terminou de ler *Vida Ociosa* em outubro de 1917, disse a Rangel que a obra poderia figurar entre nossa literatura junto ao melhor de Machado de Assis e que se depois de publicado o livro, o mundo inteiro não dissesse a mesma coisa, “[...] paciência: é que o mundo inteiro é uma grande besta”. (LOBATO, 1968, p. 149).

Terminamos nosso estudo concordando com J. Guimarães Menegale, que diz: “[...] *Vida Ociosa* constitui uma obra de marca profundamente nacional, é certo, mas exatamente porque é mineira por excelência. Seus contos, novelas, de sabor humano, trazem sempre, para o paladar dos que sabem discernir, o sumo da psicologia mineira.” (MENEGALE *apud* RANGEL, 1984, p. 8).

Creemos que este estudo poderá ainda ser mais aprofundado, tal a riqueza do *corpus*, e que poderá também instigar outros estudos com as múltiplas abordagens nas inúmeras e incontáveis possibilidades.

**Abstract:** *In this work we will attempt to analyse the literary space in the novel Vida Ociosa (1920), by Godofredo Rangel, an author who has long stood in the shadow of Lobato and who has not been widely researched. Our aim is to investigate the narrative space to determine if this element- along with the language, the characters and customs -allow us to identify Vida Ociosa as a regional novel. We will also reflect on the theme of travel in the work of Godofredo Rangel, and on the importance of this author in the context of Brazilian letters. Moreover, it is worth to pointing out that this is a study that goes beyond the texts written by Rangel, since it also contemplates the study of regionalism from Minas Gerais, highlighting the importance of this theme for local and regional research.*

**Palavras-chave:** *Godofredo Rangel. Espaço Literário. Viagens. Regionalismo.*



## Referências

- ANDRADE, Rodrigo M. F. de. “Vida Ociosa”. Belo Horizonte, 24, nov, 1984. n 947. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, p.8.
- ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**. Curitiba: Gráfica Editora 73. 1977
- ATHANÁZIO, Enéas. O amigo escrito de Monteiro Lobato. **Coojornal**. Ano 12. n 634. 2009. Disponível em: <<http://www.riototal.com.br/coojornal/eneasathanazio132.htm>>. Acesso: 06, jan. 2013.
- BANDEIRA, Manuel. **Noções de História da Literatura**. Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1954, vol. II, pág. 116.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas II**: Rua de Mão única. São Paulo, Brasiliense: 1987.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 347-360.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura Caligráfica**. Belo Horizonte, 24, nov, 1984. n 947. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, p.3.
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Mini Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- FILHO, Aires da Mata Machado. **Tradução, rasgo de bondade**. Belo Horizonte, 24, nov. 1984. N. 947. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, p. 4.
- FILHO, Alphonsus de Guimarães. **Vida Ociosa**. Belo Horizonte, 24, nov. 1984. n 947. **Suplemento Literário**. Minas Gerais, p.8.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Afiliada. 1995.
- LAJOLO, Marisa. Regionalismo e história da literatura: quem é o vilão da história? In: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. 6.ed., 2ª reimpressão. São Paulo. Contexto, 2010
- LEITE, Sylvia H. T. de A. **Valdomiro Silveira e o regionalismo na literatura brasileira**. Itinerário, Araraquara, n. 13, 2006.
- LINS, O. “Espaço romanesco”, “Espaço romanesco e ambientação” e “Espaço romanesco e suas funções”. In: **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: 1976. Ática, p.62-110.

LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Urupês, 1961, 1t.

\_\_\_\_\_. **A Barca de Gleyre**. São Paulo: Urupês, 1968, 2t.

MALTA, José Maria de Toledo. Prólogo dispensável. In: **Vida Ociosa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. (Comp.) O sertão no interior da máquina do mundo. Disponível em: <[http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/dezembro2006/textos/sertao\\_maquina.htm](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/textos/sertao_maquina.htm). Acesso em 20 jan. 2013>.

MENEGALE, J. Guimarães. **Um romancista Mineiro**. Belo Horizonte, 24, nov, 1984. n 947. Suplemento Literário. Minas Gerais, p.8.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. Editora Cultrix. 7ª Ed. São Paulo, 1984.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo. ed.Cultrix, 2004.

OLIVEIRA, Aline Maria Magalhães. **Viagens e viajantes na literatura: a travessia de Guimarães Rosa**. In: REVISTA URUTÁGUA. n° 22. Set. out. nov. dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/9532/6308>. Acesso: 13, jan. 2013.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro**. História, Ciência e Saúde. Manguinhos, vol. 5, 1998. (Suplemento). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459701998000400011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010459701998000400011&script=sci_arttext)>. Acesso: 13, jan. 2013.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira**. Prosa de ficção de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: J. Olympio/MEC, 1973.

RANGEL, Godofredo. **Os humildes**. São Paulo. Editora Universitária. 1944.

\_\_\_\_\_. **Vida ociosa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Suplemento Literário**: edição especial centenário. Minas Gerais. Dezembro de 1984.

\_\_\_\_\_. **Andorinhas**. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia. 19--.

SALES, Fernando. Livros novos de 1920. In: **Revista do Livro**. n° 41, pág. 37.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. Nobel, 3 ed. São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. Hucitec. São Paulo, 1996.

SCHWARTSMAN, Hélio. Analfabetismo histórico. **Folha de São Paulo**. 2012. Disponível em: <<http://rodrigoconstantino.blogspot.com.br/2012/09/analfabetismo-historico.html>>. Acesso: 13. Jan. 2013.

WILLIAMS, Raymond; tradução BRITTO, Paulo Henrique. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZILBERMAM, e MOREIRA, M. E. **História da literatura e literatura brasileira**. Publicação do Curso de Pós-graduação em Letras. Instituto de Letras e Artes, PUCRGS, 1995.